



UEPB
UNIVERSIDADE ESTADUAL DA PARAÍBA
CAMPUS I - CAMPINA GRANDE
CENTRO DE EDUCAÇÃO
DEPARTAMENTO DE HISTÓRIA

JARDEL DA SILVA MELO

**O DISCURSO DO PIONEIRO E DO DESBRAVADOR COMO SISALEIRO: PADRE
GALVÃO E A CONSTRUÇÃO CULTURAL DA POCINHOS COMO CIDADE DO
“OURO VERDE” (1940-1970)**

CAMPINA GRANDE - PB

2025

JARDEL DA SILVA MELO

O DISCURSO DO PIONEIRO E DO DESBRAVADOR COMO SISALEIRO: PADRE GALVÃO E A CONSTRUÇÃO CULTURAL DA POCINHOS COMO CIDADE DO “OURO VERDE” (1940-1970)

Trabalho de Conclusão de Curso apresentado à Coordenação/Departamento do Curso de História da Universidade Estadual da Paraíba, como requisito parcial à obtenção do título de graduado em Licenciatura Plena em história.

Área de concentração: Cidade: Memória e Patrimônio

Orientador: Prof.º Bruno Rafael de Albuquerque Gaudêncio

**CAMPINA GRANDE
2025**

É expressamente proibida a comercialização deste documento, tanto em versão impressa como eletrônica. Sua reprodução total ou parcial é permitida exclusivamente para fins acadêmicos e científicos, desde que, na reprodução, figure a identificação do autor, título, instituição e ano do trabalho.

M528d Melo, Jardel da Silva.

O discurso do pioneiro e o desbravador como sisaleiro [manuscrito] : Padre Galvão e a construção cultural da Pocinhos como cidade do "Ouro Verde" (1940-1970) / Jardel da Silva Melo. - 2024.

48 f. : il. color.

Digitado.

Trabalho de Conclusão de Curso (Graduação em História) - Universidade Estadual da Paraíba, Centro de Educação, 2024.

"Orientação : Prof. Dr. Bruno Rafael de Albuquerque Gaudêncio, Departamento de História - CEDUC".

1. Padre Galvão. 2. Pocinhos. 3. Cultura sisaleira. 4. Tradição inventada. 5. Lugar de memória. I. Título

21. ed. CDD 901

JARDEL DA SILVA MELO

O DISCURSO DO PIONEIRO E O DESBRAVADOR COMO SISALEIRO: PADRE GALVÃO E A CONSTRUÇÃO CULTURAL DA POCINHOS COMO CIDADE DO "OURO VERDE" (1940-1970)

Trabalho de Conclusão de Curso apresentado à Coordenação/Departamento do Curso de História da Universidade Estadual da Paraíba, como requisito parcial à obtenção do título de graduado em Licenciatura Plena em história.

Área de concentração: Cidade: Memória e Patrimônio

Aprovada em: 27/02/2025

BANCA EXAMINADORA

Bruno Rafael de Albuquerque Gaudêncio

Prof.^a Bruno Rafael de Albuquerque Gaudêncio (Orientador)

Universidade Estadual da Paraíba (UEPB)

Gildivan Francisco das Neves

Prof. Gildivan Francisco das Neves

Universidade Estadual da Paraíba (UEPB)

Josenildo Marques da Silva

Prof. Josenildo Marques da Silva

Universidade Estadual da Paraíba (UEPB)

RESUMO

Esta pesquisa procura analisar como o discurso do pioneiro e desbravador, representado pela a figura de Padre Galvão, se ombreou para a construção de um imaginário cultural e social de Pocinhos-PB durante o período do “Ouro Verde” (1940-1970), no auge da cultura sisaleira. O estudo se propõe a investigar o avanço do cultivo do sisal no Brasil e sua chegada em Pocinhos, destacando a transformação social, econômica e cultural, bem como, examina, através do conceito de Hobsbawm e Ranger (1997), como esta planta auxiliou na formação de “tradição inventada” e criando uma identidade cultural local, usada em elementos simbólicos que reforçam um sentimento de pertencimento aos pocinhenses. Também, exploramos o papel central de Padre Galvão (1910-1997) neste contexto, como líder religioso e político, e de que forma ele promoveu sua imagem de “mito fundador” da cultura sisaleira em Pocinhos. Além disso, utilizando o conceito de Pierre Nora (1993) como “lugares de memória”, analisamos espaços construídos em sua homenagem que se transformam em símbolos de progresso social e econômico da cidade, reforçando um imaginário de Padre Galvão como líder visionário. Além disso, foi usando aportes teóricos de autores como Porto (2022), Medina (1954), Oashi (1999), Silva (2012), Nunes (2006), Araujo (2016), Barros (2022) e Ribeiro (2013). Essa pesquisa utilizou de fontes diversas, como documentação oficial, o Livro de Tombo da Paróquia Nossa Senhora da Conceição de Pocinhos, documentos da Câmara, historiografia local e memórias registradas em obras de pocinhenses. Outrossim, o período do “Ouro Verde” foi fundamental para economia local, estabelecendo a identidade da cidade, com Padre Galvão surgindo como figura central desse progresso ao se colocar como pioneiro da cultura sisaleira em Pocinhos, usando sua influência e autoridade religiosa e política para fortalecer seu protagonismo no imaginário popular da cidade.

Palavras-chave: Padre Galvão; Pocinhos; cultura sisaleira; tradição inventada; lugar de memória.

ABSTRACT

This research aims to analyze how the discourse of the pioneer and trailblazer, represented by the figure of Padre Galvão, contributed to the construction of a cultural and social imaginary in the city of Pocinhos-PB during the “Green Gold” period (1940-1970), at the height of the sisal (plant) culture. This study proposes to investigate the advancement of sisal cultivation in Brazil and its arrival in Pocinhos, addressing the social, economic, and cultural transformations. It also examines, through the concept of “invented tradition” by Hobsbawm and Ranger (1997), how this plant aided in the formation of an “invented tradition” and created a local cultural identity, being used in symbolic elements that reinforce a sense of belonging among the people of Pocinhos. Additionally, it explores the central role of Padre Galvão (1910-1997) in this context, as a religious and political leader, and how he promoted his image as the “founding myth” of sisal culture in Pocinhos. Furthermore, using Pierre Nora's (1993) concept of “sites of memory,” this study also analyzes spaces built in Padre Galvão honor that have become symbols of social and economic progress for the city, reinforcing the imaginary of him as a visionary leader. This research is supported by theoretical contributions from authors such as Porto (2022), Medina (1954), Oashi (1999), Silva (2012), Nunes (2006), Araujo (2016), Barros (2022), and Ribeiro (2013). This study utilized diverse sources, including official documentation, the Parish Record Book of Nossa Senhora da Conceição de Pocinhos, City Council documents, local historiography, and memories recorded in works by Pocinhos residents. Moreover, the “Green Gold” period was fundamental to the local economy, establishing the city's identity, with Padre Galvão emerging as a central figure in this progress by positioning himself as a pioneer of sisal culture in Pocinhos, using his religious and political influence to strengthen his protagonism in the popular imaginary of the city.

Keywords: Padre Galvão; Pocinhos; sisal culture; invented tradition; site of memory.

LISTA DE ILUSTRAÇÕES

Figura 1 – Plantação de sisal em Pocinhos na década de 60.....	8
Figura 2 – Mapa de Pocinhos que mostra o desmatamento da região com a introdução do agave.....	16
Figura 3 – Fotografia de um tropeiro em cima de um burro levando as fibras de sisal	17
Figura 4 – Fotografia do Centro de Pocinhos na década de 1950	20
Figura 5 – Bandeira da cidade de Pocinhos-PB	22
Figura 6 – Fotografia de Padre Galvão	25
Figura 7 – Fotografia do Instituto Nossa Senhora da Conceição	29
Figura 8 – Fotografia da posse de prefeito de Padre Galvão.....	32
Figura 9 – Fotografia da passagem sobre o sisal no Livro do Tombo.....	34
Figura 10 – A lei de n. 160/64 da criação do ginásio municipal Padre Galvão.....	38
Figura 11 – Fotografia da frente do ginásio municipal Padre Galvão.....	39
Figura 12 – Imagem aérea do mercado público.....	40
Figura 13 – Inauguração do mercado público.....	41

SUMÁRIO

1 INTRODUÇÃO	7
2 POCINHOS: UMA HISTÓRIA DA CULTURA DO AGAVE COMO IDENTIDADE LOCAL	11
2.1 A cultura do agave em Pocinhos: memória e historiografia.....	11
2.2 A invenção das tradições: identidade cultural com as folhas do agave.....	18
3 PADRE GALVÃO: O DISCURSO DO PIONEIRISMO E DO DESBRAVADOR	25
3.1 O mito fundador da cultura do agave em Pocinhos	25
3.2 Os lugares de memória em homenagem ao Padre Galvão na cidade de Pocinhos	36
4 METODOLOGIA	43
5 CONSIDERAÇÕES FINAIS	45
REFERÊNCIAS	47

1 INTRODUÇÃO

Esta pesquisa tem como objetivo analisar a cultura sisaleira em Pocinhos-PB, que se centraliza no período intitulado “Ouro Verde” (1940-1970), marcando o auge da cultura do sisal (agave), uma espécie semixerófila, de origem mexicana, trazida para o Brasil no ano de 1903 (Porto, 2022). Ao chegar no Nordeste e se expandir por quase todo território, foi introduzindo na Paraíba no início da segunda década do século XX (Cavalcante, Almeida, 2022, p.1093 apud OASHI, 1999). Assim, Pocinhos-PB, foi uma das cidades que mais se notabilizaram pela implantação da cultura do sisal/agave, se firmando como um importante núcleo agrícola e econômico na região. De tal maneira que neste trabalho defendemos que seu impacto na cidade chegou a contribuir para a construção de uma identidade cultural e social no local.

Para mais, com o período produtivo do sisal, em seu auge, a população associava o desenvolvimento e progresso da cidade com sucesso da produção do sisal. Era de triunfo de Pocinhos, nascida aliada a figura fundante de Padre Galvão (1910-1997) que se manteve na memória coletiva local como o desbravador e o pioneiro da cultura sisaleira. Assim, conseguiu fincar um imaginário de prosperidade relacionado ao auge do agave/sisal, até os dias atuais. Discutiremos adiante nessa pesquisa como a figura do Padre Galvão foi constituída como uma espécie de mito fundador. As tradições e memórias fabricadas nesta época que influenciam a cidade até hoje, como uma herança cultural, que reforçam a história (mito fundador) que Padre Galvão abriu as portas para o sucesso de Pocinhos e, assim, criou-se um legado cultural.

Figura 1 - Plantação de sisal em Pocinhos na década de 60.



(Fonte: Museu Virtual de Pocinhos - 1960)

Nesta fotografia, da década 1960, no município de Pocinhos, é possível observar uma vasta plantação de sisal que dominava a paisagem rural da época. O sisal, durante o seu período áureo, foi responsável pela sustentação econômica significativa da região, onde várias famílias se beneficiaram da sua produção. O cultivo do agave era feito por pessoas que detinham posses, aqueles grandes proprietários de terras, e assim colocava seus candangos¹ para trabalhar nos motores de agave, logo, gerando empregos para aqueles que necessitavam. Ademais, com essa globalização do agave no Nordeste, essa planta logo se põe como a “planta da salvação”, ou o “mito da salvação” (Lira, 2015). Assim, é notório que existia um misticismo ao falar dessa planta.

O estudo está pautado na perspectiva teórica-metodológica da Nova História Cultural, que procura entender a cultura como uma construção simbólica e dinâmica, analisados discursos, memórias e representações desta. Neste sentido, investigamos a figura de Padre Galvão como o “mito fundador” e quais significados são atribuídos à

¹ É uma denominação para os trabalhadores que construíram Brasília, em sua maioria nordestinos. Mas, também, no livro intitulado por “Candangos de motor de agave”, do autor Hugo Marconi Ribeiro, utilizar esse termo para chama esses trabalhadores que faziam parte de todo o processo do agave até a fibra. Nesse livro, o autor traz as suas memórias de Pocinhos no período áureo do sisal, já que seu pai era um dono de uma plantação de agave e, assim, relata sobre suas lembranças desses trabalhadores, principalmente, no capítulo 2, chamado de “O motor de agave e os candangos”.

cultura sisaleira em Pocinhos. Não somente este lado, como analisamos a forma que foi utilizado o discurso do pioneiro e do desbravador, na figura sisaleira que Padre Galvão personificava, colaborando para a construção cultural e social de um imaginário da cidade de Pocinhos ao longo do período áureo do sisal.

Também entenderemos de que jeito essa cultura de cultivo colaborou para a construção de uma identidade cultural na cidade, por meios de elementos simbólicos e narrativas que reforçam o sentimento de pertencimento com o local. Bem como, nos dispomos a explorar os lugares de memória em homenagem a Padre Galvão, evidenciando como esses espaços se constituem para consolidar sua imagem como um líder visionário, relacionado ao progresso social, econômico e cultural de Pocinhos.

Assim, evidencio que a temática dessa pesquisa se mostrou interessante há muito tempo em minha vida, levado a uma curiosidade de infância, sempre observador, me fascinava olhar da janela de um ônibus a caminho da casa dos meus avós no sítio Catolé (Pocinhos - PB), local em que passei boa parte dos finais de semana da minha infância e adolescência, na casa dos meus avós maternos, onde a família se reunia para encontros e festejos. Em meio a um ambiente de meia luz, onde apenas se ouvia o som da natureza de um sábado à noite, e a voz do meu avô, aquela voz marcante, cheia de mistérios, que me deparei com os primeiros relatos sobre a história do Agave da minha cidade. Aos nove ou dez anos, não fazia ideia de que aquela planta teria sido tão importante para o sustento de muitas famílias do meu município, inclusive a minha. Aquelas plantas verdes tomavam conta da paisagem. Tomado por questionamentos como, “o que são essas plantas com espinhos nas pontas?” “E por que tem tantas?” “No sítio de vó tem muitas. “Despertaram em mim, a vontade de pesquisar, assim, descobrindo que aquelas “plantas verdes” estavam diretamente ligadas ao início da formação da cidade, e que figuras da minha infância, como o Pe. Galvão era um dos precursores dessa história.

Trazer para o meio acadêmico essa abordagem é de suma importância, e totalmente necessária, já que o grande impacto que a agave trouxe para a região da Paraíba, em especial Pocinhos-PB. Compreender historicamente como se deu esse processo, faz com que resgatemos uma história que percorre uma população e o local estudado, interligando e tornando aquele o início de uma era. Uma planta que mexeu

com toda uma estrutura de uma cidade, economicamente, culturalmente, socialmente e simbolicamente.

Todo o impacto gerado pela cultura do sisal na cidade de Pocinhos-PB, faz necessário uma investigação no campo da pesquisa científica. Proporcionar aos Pocinhenses um material de pesquisa científica, é contribuir com a história local, deixar que a população procure entender o lugar onde vive, que se sintam parte dessa história, pois, a cultura do agave em Pocinhos-PB interliga toda população, desde aqueles que trabalharam no campo até os grandes proprietários.

Nesse modo, trabalharemos com conceitos de *mito fundador*, *tradição inventada* e *lugares de memória*, assim, empregando para interpretar a construção simbólica em volta da cultura sisaleira de Pocinhos. Ademais, usamos uma bibliografia vasta, como estudos acadêmicos (artigos, TCCs, dissertações, tese), documentação oficial, documentos da Câmara, como leis, a historiografia local, memórias registradas em livros de pocinhenses, o Livro de Tombo da Paróquia Nossa Senhora da Conceição de Pocinhos e fotografias da época do auge do sisal.

Dessa maneira, a pesquisa foi organizada em duas seções. A primeira, chamada de “*POCINHOS: UMA HISTÓRIA DA CULTURA DO AGAVE COMO IDENTIDADE LOCAL*”, que discute a expansão do sisal/agave na cidade, com base na memória e na historiografia sobre o período “Ouro Verde”, e analisa a criação de identidade cultural focada na cultura sisaleira por meio de uma tradição inventada. A segunda, intitulada de “*PADRE GALVÃO: O DISCURSO DO PIONEIRISMO E DO DESBRAVADOR*”, debate essa figura religiosa como o mito do fundador, evidenciando seus discursos que se autor promovia e ações que fortalecem seu papel na história local e explorando os lugares de memórias que o homenageiam, sendo exemplos de espaços que permanecem e mantêm sua memória viva do que foi um símbolo do progresso.

Logo, surgem as seguintes questões a serem debatidas, como uma construção do imaginário em torno do “mito fundador” Padre Galvão como pioneiro e desbravador da cultura sisaleira pode refletir em uma criação de uma “tradição inventada” em Pocinhos, e de que forma a identidade cultural e a memória coletiva da cidade foi influenciada?

2. POCINHOS: UMA HISTÓRIA DA CULTURA DO AGAVE COMO IDENTIDADE LOCAL

2.1 A cultura do agave em Pocinhos: Memória e Historiografia

Antes de discutirmos sobre a chegada do sisal/agave e seu período áureo em Pocinhos-PB, devemos olharmos primeiro para tal planta que, segundo a historiografia e a memória local, foi sua “salvação” econômica e desenvolvimentista. Existem inúmeras espécies do gênero Agave, que popularmente conhecemos como sisal, mas a espécie mais cultivada e comercializada mundialmente é, sem dúvidas, a “Agave sisalana perrine” já que atende o cargo de grande relevância comercial de produção de fibras, que é o principal uso do agave. É interessante observar que o nome “sisal”, a forma mais conhecida para intitular esta planta, descende de um nome de um povoado e do antigo porto de Península de Yucatán, no México, de onde a fibra era exportada (Porto, 2022, p. 65-66). Assim, passou a ser conhecida mundialmente por sisal, ao ponto de chamar tanto a planta quanto a fibra.

Sua origem é atribuída às Américas e às Ilhas Caraíbas, em particular, na Península de Yucatán, no México. Segundo Porto (2022, p. 67, apud Oashi, 1999, p. 52), a domesticação da agave vem dos períodos remotos e com registros de cultivo, mais ou menos, de 6500 - 5000 a.C. Entretanto, a utilização da agave, principalmente de outras espécies, não ficava fixo só na produção da fibra para a confecção de redes, cordas, mantas, sacolas, e outros produtos, também virava matéria-prima para fonte de alimento e remédios de alguns povos indígenas da região, como Maias e Aztecas (Medina, 1954, p. 18; Oashi, 1999, p. 53). Mesmo que a agave fosse conhecido e utilizado nesta época pelos povos indígenas de variadas maneiras e manejos, a sua ascensão econômica como fibra vegetal de importância mundial veio a partir dos anos 40.

Como dito anteriormente, o plantio da Agave sisalana perrine foi focada principalmente no comércio de fibras, mas quem teria conseguido fazer esta planta com essa visão comercial do mercado de fibra foi Henry Perrine² que conquistou o potencial

² Foi cônsul dos Estados Unidos no México entre 1827 e 1837. Ele teve extrema importância para a descentralização do monopólio de México com a comercialização do sisal, a partir da exportação para Flórida, a Agave sisalana perrine foi cultivada em muitos países, sendo um deles o Brasil. Assim, a planta recebeu o nome de Perrine em 1838.

agrícola da planta. Assim, até a Primeira Guerra Mundial, o monopólio da comercialização mundial da fibra dura estava na mão do México, o cenário mudou quando Henry Perrine exportou bulbilhos da *Agave sisalana perrine* para Flórida pelo objetivo de cultivar e desenvolvê-la em locais subtropicais, a partir desse ponto a planta começou a se descentralizar do México e ganha espaço no cultivo mundial, sendo enviada para África Oriental e Ásia no fim do século XX; só depois foi introduzida no Brasil (Porto, 2022, p. 68-69).

Nesse sentido, Porto (2022, p.69) destaca que a origem do sisal no Brasil apresenta algumas controvérsias em relação à chegada e disseminação da espécie *Agave sisalana Perrine* nos estados, e, por causa, dessas divergências entre muitos autores, não se têm certeza dos dados e as regiões de sua introdução. Segundo Oashi (1999), Santos e Silva (2017) as primeiras mudas desta planta foram trazidas da Flórida para o Brasil, sendo plantadas na região da Bahia, pois tinha um clima favorável para o cultivo do sisal. Também, a diferentes versões do período e as figuras responsáveis pela vinda do sisal para o Brasil, e especificamente, na Paraíba.

Nessas versões, autores como Oashi (1999) e Pinto (1969) entra em discordância do ano, enquanto Oashi (1999) afirma ter sido em 1903, mencionando Horácio Urpia Júnior como figura importante para introdução do sisal no Brasil, Pinto (1969) indica o ano de 1910, que a planta chegou à Bahia. Bem como, Santos e Silva (2017) concorda com Pinto (1969) em relação ao período da introdução do sisal no Brasil no Estado da Bahia, assim como acrescenta que por “volta de 1919, a agave sisalana foi difundida pelo Nordeste do Estado da Bahia e rapidamente se desenvolveu, deixando de ser utilizada como cerca viva para transformar-se em produto comercial (Santos e Silva, 2017, p. 4)”. Dessa forma, Silva (2012) discute a evolução do cultivo do sisal em território nordestino, em suas palavras:

[...] Período que marca o início do plantio de sisal com objetivo explicitamente comercial; - nas décadas de 1940 e 1950, período que marca a consolidação das lavouras e o amplo incentivo ao plantio de sisal pelo então governador da Bahia Landolfo Alves; - nas décadas de 1960 e 1970, período que marca o apogeu da lavoura sisaleira quando o sisal

passou a ser conhecido como ouro verde do sertão; - a década de 1980, período de forte crise quando se verificou queima de sisalais e ampla redução da produção; - a partir da década de 1990 até o presente, período que marca uma reestruturação do processo de beneficiamento e industrialização da fibra, com destaque para a ação de pequenos proprietários de terra. (Silva, 2012, p. 217-218)

Já a introdução na Paraíba, Porto (2022) destaca duas versões sobre o começo do plantio neste Estado. A primeira versão, teria sido no início do século XX, nas regiões do brejo e da caatinga litorânea, que seriam locais em que a agricultura mercantil era bem mais avançada. Já que estas regiões tinham como principal a cultura do cultivo de café e da cana-de-açúcar, porém, estes setores de cultivo passavam por uma crise, o que teria forçado os proprietários a procurarem outras alternativas, abrindo portas para o sisal. Contudo, ao passar do tempo as culturas mais lucrativas continuaram no brejo paraibano, mediante a esta situação o cenário do sisal se designou para a região semiárida, que consolidou como uma produção essencial para estas regiões. A segunda versão, que afirma que a propagação do sisal foi fomentada com as figuras importantes, tem como base historiadores locais com versões diferentes, como:

Horácio de Almeida, que alega que o industrial Germano Freitas, dono da fazenda Bujari, no município de Areia, foi o pioneiro na disseminação de sisal e da sua exportação para o mercado externo. Além deste, Cleodom Coelho e Severino Costa apresenta uma versão diferente, a de que, o sisal teria sido difundido por Diógenes Caldas (na época inspetor agrícola da Paraíba), ficando a cargo do agricultor Adroaldo Guedes Alcoforado, a produção de sisal em escala comercial. Esse fato teria ocorrido no ano de 1924, no engenho Guaraná, entre os municípios de Guarabira e Caiçara. (Porto, 2022, p. 70)

Assim, percebemos o quanto é nebuloso identificar como foi introduzido o sisal na Paraíba. Dentre tantas versões, o que se fixa é que a partir da crise de 1930 no Brasil, lançada por problemas no mercado internacional, abalou consideravelmente o Nordeste e, em particular, a Paraíba, que já sofria com as dificuldades no desenvolvimento da sua economia agrária. Por isso, doravante o final do século XIX, com a crise agroexportadora que o Nordeste passava, ocasionada pela queda dos preços no mercado internacional e pela concorrência com o produto principal, o açúcar, que estava sendo substituído pelo açúcar de beterraba produzido na Europa. Também, outro importantíssimo produto que se destacava nas exportações regionais, o algodão, do mesmo modo que atingiu com as

mudanças no mercado externo e com a forte coerência dos Estados Unidos (Porto, 2022, p. 71).

Através do início do século XX, o Nordeste passa a comercializar novamente estes produtos agrícolas com a região Centro-Sul do Brasil, que compravam esses produtos. Contudo, a crise de 1929, que desestabilizou a exportação de café no Sudeste, fez São Paulo olhar para dentro e investir em suas próprias lavouras de algodão e açúcar para suprir a demanda local. Dessa situação, o açúcar nordestino se secundariza e limita o papel do algodão, que até o momento abastecia boa parte da indústria têxtil nacional (Nunes, 2006, p. 99).

Segundo Porto (2022), para lidar com este buraco econômico, o governo da Paraíba implementou duas estratégias que consistem em melhorar a qualidade de seu algodão para conseguir disputar no mercado externo e diversificar a economia agrícola paraibana que investiria em outras culturas de cultivo, incorporando o sisal, assim como outros produtos. O que podemos observar nesta última estratégia é uma busca por reduzir a dependência de se sustentar em só duas culturas de cultivo, o que prejudicava a economia agrícola da Paraíba em um contexto de crise nas exportações. Dessa forma, as mudanças que estavam acontecendo no sistema agrícola da Paraíba se vincularam com as políticas de industrialização e modernização agrícola que estavam sendo formatadas por Getúlio Vargas.

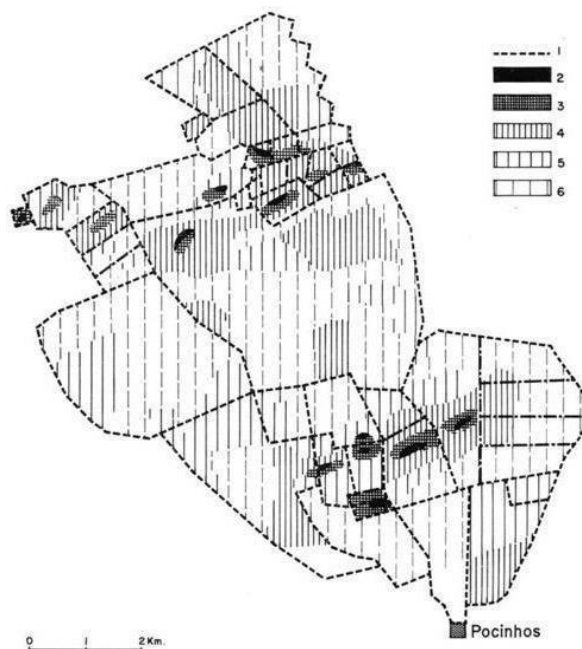
Nesse modo, a iniciativa do cultivo do sisal parte desse contexto de crise que, agora, olhava para esse produto como a alternativa de revitalizar a economia da Paraíba. Para Ribeiro (2023, p.20-21), Pocinhos se mostra como um caso singular, pois não conseguiu alcançar os benefícios e ganhos que o ciclo do algodão proporcionou para algumas cidades. Afinal, muitos municípios paraibanos se favoreceram pela capitalização algodoeira dos anos 20 que se estruturaram como centro urbanos modernizados, como exemplo do crescimento de Campina Grande³. Assim, como a capitalização do algodão gerou um grande impulsionamento de iniciativas industriais e comerciais, dessa forma, Mello (2002) afirma que:

³ Foi uma importante produtora no ciclo do algodão, que fazia elo com a Capital e com a cidade Pernambucanas. Tornando-se uma atividade econômica de destaque do município que se construía com a cultura do algodão, bem como ficou conhecida como Liverpool brasileira.

A capitalização algodoeira trouxe, com os anos vinte, algumas outras iniciativas. Em cidades como Cajazeiras, fábricas de óleo de caroço de algodão foram instaladas por capitalistas locais. Os trustes algodoeiros SANBRA e Anderson Clayton apareceram em cena. O algodão gerava fortunas e em lugar das solitárias usinas de prensagem da firma Kroncker e Cia., em João Pessoa e Cabedelo, despontam empresas de beneficiamento e prensagem de algodão em Alagoa Grande, Campina Grande, Santa Luzia e Sapé. (Mello, 2002, p. 168)

Já em Pocinhos, esta atividade agrícola era secundária e não modificou completamente a cidade, pois “seu maior crescimento se efetivar não com o algodão, mas sim com o ciclo do sisal, tendo o estabelecimento da sua linha férrea nos anos 1950” (Ribeiro, 2023, p. 20). Segundo Prost (1967), a introdução e a expansão do agave alteraram completamente a região, levando a transformações significativas no uso do solo, que antes eram utilizados para cultivos tradicionais, como a pecuária e o algodão, e, entre 1942 e 1945, iniciava-se o processo de substituição das áreas de plantio de algodão e da criação de animais que eram desmatadas para preparar o solo para a nova cultura do sisal. Nesse sentido, podemos visualizar este processo a partir do mapa a seguir, onde está apresentado, 1. Limites de propriedades; 2. Terras desmatadas entre 1880 e 1920; 3. Terras limpas entre 1920 e 1940; 4. Terras desmatadas entre 1940 e 1960; 5. Terras limpas entre 1960 e 1966; 6. Caatinga.

Figura 2 - Mapa de Pocinhos que mostra o desmatamento da região com a introdução do agave; criado pelo autor francês Gérard Prost.



(Fonte: acervo de Gérard Prost – 1942-1945)

O mapa, possibilita entendermos que metade das terras de 1940 e 1960 foram desmatadas para o plantio de agave, que começava a dominar a economia local. Sua plantação de agave era rigorosamente planejada, com espaços delimitados entre as plantas por um metro, totalizando cerca de 4.100 mudas de agave por hectare. Com a reorganização territorial, a ocupação das terras e a população aumentando, neste cenário, o sisal/agave virava o motor da transformação social e econômica. Na década de 50, estabelecia como atividade agrícola hegemônica do distrito, Saraiva (1981, p. 133) afirma que no ano “1955/56, existiam cerca de 2.000 hectares plantados, o que significa, pelo espaçamento mais comumente ali adotado, oito a dez milhões de pés de agave”.

Nesta transição do algodão para o sisal, podemos ver que o início da modernização só aflorou através da cultura sisaleira e que a economia de Pocinhos, que aquela época era distrito de Campina Grande, despontou com agave na década 1950 e trouxe transformações importantes. Pontuando por Araújo (2016) dois acontecimentos fundamentais, “em 1951, a fundação do Serviço de alto-falantes “A Voz de Pocinhos” e a emancipação política em 1953 (Araujo, 2016, p. 46)”.

Figura 3 - Fotografia de um tropeiro em cima de um burro levando as fibras de sisal.



(Fonte: acervo pessoal de Dr. Bismarck Martins de Oliveira)

Na fotografia da década do auge do sisal na década de sessenta, podemos ver um trabalhador (chamado costumeiramente de tropeiro) de sisal montado em um burro, guiando outros burros que carregam a carga das fibras de sisal. Assim, o desenvolvimento provindo da introdução do sisal para Pocinhos não conduziu somente para a modernização do distrito, que depois se emancipou em cidade, mas consolidou uma transformação que mexeu com toda a tradição “antiga”. Agora, novas relações de trabalho se constituíram, figuras históricas, como Padre Galvão, escreveram narrativas míticas de suas pessoas nesse “novo processo”, bem como a vida na rua, com introdução de tecnologias, como rede elétrica, jovens e adultos passavam a ter uma vida noturna na praça, e estabelecimentos ficavam abertos até muito tardes e o cinema funciona quatro dias na semana. Com este contexto, a nova vida da população pocinhense, impactada pelo período do Ouro Verde, se moldava gradativamente dentro de um processo de invenção de tradições, que se vivenciavam e utilizavam a cultura do sisal e eram permeados e adaptados a ela.

2.2 A invenção das tradições: identidade cultural com as folhas do agave

A agave trouxe a Pocinhos uma grande identificação com a história que foi criada com o seu cultivo. Se antes o cenário que se construiu do distrito era de pobreza e miséria, a chegada do sisal significou uma oportunidade de superação desse estigma, “não se via mais tanta miséria e pobreza, uma vez que as pessoas já não passavam mais fome, já que por causa da chegada do sisal, a população tinha uma fonte de renda (Araújo, 2016, p. 41)”. Bem como, o evidente impulso econômico que a cultura do sisal conduziu àquele distrito, se tornou posteriormente um dos principais argumentos utilizados por Padre Galvão para solicitar a emancipação de Pocinhos, justificado pela sua importância econômica e social.

. Os pocinhenses enxergavam no sisal uma forma de identidade cultural, que se perpetua até os dias atuais. A simbologia da folha do agave ainda é muito forte na cidade. Com essa construção cultural e social de um imaginário da cidade a partir da Pocinhos desenvolvida através do chamado “Ouro Verde”, que vemos ao longo dos anos o nascimento de uma “tradição inventada”.

Por “tradição inventada” entende-se um conjunto de práticas, normalmente reguladas por regras tácitas ou abertamente aceitas; tais práticas, de natureza ritual ou simbólica, visam inculcar certos valores e normas de comportamento através da reprodução, o que implica, automaticamente; uma continuidade em relação ao passado. (Ranger, Hobsbawm, 1997. p.9)

Os historiadores Hobsbawm e Ranger (1997), discutem a ideia de uma “tradição inventada”, referindo-se a um conjunto de práticas, apresentadas como antigas ou autênticas, que foram moldadas ou criadas em períodos específicos da história. De acordo com os historiadores citados acima, essas práticas criam uma impressão de uma continuidade com o passado. Essas tradições são de natureza simbólica ou ritual, que tem um propósito específico: reforçar a coesão social ou criar identidades coletivas. Embora ancoradas em tradições históricas, a “tradição inventada” surge em momentos de transformação ou crise, quando tem a necessidade de estabelecer um sentido de estabilidade, legitimidade ou pertencimento.

Sob essa perspectiva, a tradição do agave/sisal em Pocinhos surge em um período de crise para fortalecimento de uma identidade pocinhense e sua coesão social. Pois, em 1950, Pocinhos passava por dificuldades econômicas em meio a dependência com Campina Grande, que se encontrava em pleno desenvolvimento impulsionado pelo algodão, buscava superar as crises em volta da produção de algodão, produzindo em baixa quantidade para conseguir manter sua economia (Ribeiro, 2013; Araújo, 2016). Assim, as culturas do agave/sisal vem como solução econômica, que traria a prosperidade e reconstruiria o imaginário coletivo local. Isto é, a antiga cultura algodoeira, que era tradicional, sai de cena para a outra cultura de cultivo, que se transforma como tradicional, ou melhor, uma “tradição inventada”.

Desse modo, se construiu uma narrativa em torno do sisal, ligada a resiliência da população pocinhense e a fé do Padre Galvão, criando um símbolo de superação. A tradição transcorreu consolidada em práticas e símbolos, a exemplo a bandeira de Pocinhos, que evidencia o verde do sisal e o branco do algodão, buscando uma continuidade histórica que reforça a identidade do local que se cria a partir dessa narrativa. Bem como, Araújo (2016) destaca que o sisal oportunizou avanços na economia e na tecnologia da cidade, a título de exemplo o surgimento de armazéns e um impulso na modernização do consumo, tendo pessoas que tinha alguns artigos como carro e rádios, e assim se criava uma percepção de progresso. Sendo uma ideia sintetizada na expressão “Ouro Verde” que se resume só nessas duas palavras a imaginação do progresso.

Figura 4 - Fotografia do Centro de Pocinhos na década de 1950.



(Fonte: acervo pessoal de Edmilson Rodrigues - 1950)

Assim, através das fotografias da época conseguimos visualizar o que Araújo (2016) debate sobre a modernização do consumo (Imagem 4). Nesta foto, podemos ver a rua Getúlio Vargas, o centro de Pocinhos no ano 1958, no fundo a Igreja Matriz se torna o foco principal, ao redor as ruas e casas, nesta imagem uma camionete estacionada na rua demonstra um poder aquisitivo do proprietário da época. Mediante a situação de crise, é evidente que esta tradição se ancora no contexto histórico, porém, foi criada como uma forma de superação das dificuldades, solucionando a falta de estabilidade e pertencimento dessa população. O sisal não foi somente a solução econômica tão plantada nos discursos, foi um símbolo central na construção cultural de Pocinhos. Dessa maneira, uma reprodução constante dessas práticas que existe uma ligação contínua com o passado, dando um prosseguimento histórico que, talvez, possa não existir de fato. A tradição inventada desempenha um papel importante na construção de identidades nacionais, regionais e grupais, fortalecendo a ideia de legitimidade e unidade, dessa forma, criando símbolos e rituais que venham a se tornar marcos de uma identidade compartilhada.

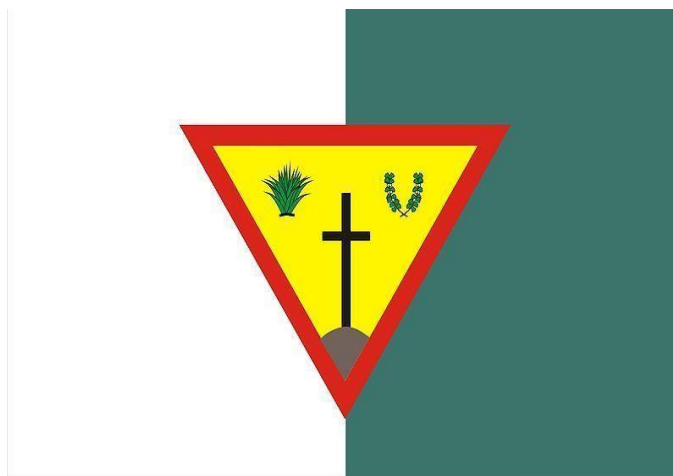
É nesse contexto, que a identificação cultural com as folhas do agave se perpetua pelo município. Logo, pode-se observar uma constante alusão a essa cultura. O

simbolismo da planta se espalha pela cidade, tornando-se um costume da população. Eric Hobsbawm e Terence Ranger, em *A invenção das tradições* (1997.p.10), discorre que A "tradição" neste sentido deve ser nitidamente diferenciada do "costume", vigente nas sociedades ditas "tradicionais". Apesar de serem associados frequentemente, "tradição" e "costume", não são o mesmo. A tradição pode ser entendida como algo criado ou adaptado para parecer antigo e imutável. Sendo assim, construída para reforçar identidades, ideologias ou legitimidades sociais e políticas. Já no que tange o "costume", pode ser pensado mais como uma prática informal e flexível, que surge naturalmente nas sociedades. Os costumes podem ser transmitidos oralmente nas sociedades chamadas como "tradicionais", podendo também mudar conforme as necessidades e influências. Consequentemente, "tradição" se apresenta como inalterável e institucionalizada, enquanto "costume" é fluído e adaptável, essa pode ser entendida como a diferença essencial.

Com isso, as tradições acerca do agave na cidade de Pocinhos estão presentes em vários âmbitos da cidade. Como mencionado anteriormente, a bandeira da cidade é um exemplo de como o sisal foi impactante para além da economia local, como para uma construção cultural no imaginário da população de Pocinhos. Sua construção se formou a partir de uma idealização de dois pocinhenses, Ronaldo Porto de Araújo e Bismarck Martins de Oliveira, que ao ganhar em um concurso para escolha de bandeira oficial para cidade, fortaleceu a "tradição inventada".

Segundo Oliveira (2018), como parte da semana de comemoração dos vinte cinco anos de emancipação política do município, realizaram um concurso público desenvolvido pela Prefeitura Municipal de Pocinhos para confecção da bandeira oficial para cidade, sob a gestão do prefeito Silvio Souto de Oliveira. Em 10 de dezembro de 1978, o concurso contava com alguns participantes que fizeram seu protótipo da bandeira desenhado em papel ofício sem nenhuma identificação e as identidades dos autores estavam lacradas em envelopes. Com uma Comissão Julgadora, formada por secretários do município e o próprio prefeito, os desenhos no papel foram julgados e a escolha foi por eliminação.

Figura 5 - Bandeira da cidade de Pocinhos-PB.



(Fonte: https://pt.m.wikipedia.org/wiki/Ficheiro:Bandeira_de_pocinhos.jpg).

Assim, ao idealizar a arte da bandeira, Ronaldo P. de Araújo e Bismarck M. de Oliveira, queriam simbolizar os aspectos históricos e culturais de Pocinhos. O pavilhão branco, refletia a fraternidade, a paz e a harmonia presente na cidade, já o verde, a esperança em um futuro de progresso. O triângulo vermelho invertido, propositalmente colocado assim para se diferenciar da bandeira de Minas Gerais, vem estampando o sacrifício e a persistência dos antepassados na construção do curral, povoado, vila e município de Pocinhos. Nas figuras que estão a agave, o algodão e a cruz, segundo os autores da bandeira, é para trazer a lembrança das maiores riquezas que tivemos. O sisal, o algodão e a fé em Deus.

Dessa maneira, Hobsbawm e Ranger (1997), ao debater a *invenção da tradição*, apontam como certas tradições são fabricadas para parecerem antigas e inquestionáveis, que a tornam uma ferramenta útil para reforçar ideologias. Um aspecto evidente na bandeira de Pocinhos, pois institucionaliza o sisal como um símbolo de riqueza e progresso contribuindo para a construção de imaginário coletivo de que esta fibra representa uma fase próspera da cidade, do triunfo dos ‘donos de motor’, uma memória seletiva, que celebra apenas a lembrança saudosista do “Ouro Verde” e a fé em Deus. A escolha dos elementos dispostos na bandeira, assim como, a ideia simbólica dos aspectos históricos e culturais que eles queriam passar com esta representação, não foi neutra; ela orienta a forma que a história local é valorizada e o jeito que precisa ser lembrada.

Segundo Barros (2022, p. 63), o sisal e o algodão dividem o mesmo espaço na composição da bandeira, entre o verde e branco, expondo a importância dessas duas culturas de cultivo e de seus produtos para a história de Pocinhos. No centro da bandeira, a cruz cravada em um rochedo reforça uma correlação com a fé e o trabalho, que são elementos encontrados nas narrativas da cidade de Pocinhos, principalmente na figura ilustre de Padre Galvão. Ele investia em uma narrativa de convencimento para iniciar a cultura do cultivo do sisal, segundo o mesmo, o ciclo do agave traria uma ‘revolução econômica’ em Pocinhos⁴, bem como salientar que esta planta se desenvolve mesmo em terras arriadas por se “alimentar do ar” e pôr o motivo de ter resistência a seca, seria uma cultura próspera.

Assim, a resistência e capacidade de prosperar em solos arredios se transforma em uma metáfora sobre a resiliência da população pocinhenses. Então, a escolha de elementos que compõem a bandeira de Pocinhos não é neutra e muito menos aleatória. Ela é uma escolha de narrativa identitária da cidade, que quer lembrar só do período “Ouro Verde”, da relevância econômica, assim, entendemos que é uma forma intencional construída para reforçar identidades, criando-se uma tradição que parece ser algo imutável. Nesse modo, a materialidade enquanto produto agrícola passa a simbolizar um período de progresso, um marco para esta história local que sempre é evocada nesta bandeira.

Outrossim, é nítido que há uma grande identificação da população pocinhense com o sisal. Ao percorrer e conversar com as pessoas mais velhas, nota-se que, aqueles cidadãos tiveram suas vidas traçadas pelo motor de agave, seja direta ou indiretamente. O prestígio, o vigor, a saudade que se encontra nos discursos proferidos por aqueles que vivenciaram esse momento, se encontra um sentimento de pertencimento de algo maior, grandioso. Como o relato da senhora Maria das Neves⁵, que discute a introdução do agave na cidade:

(...) depois Padre Galvão lutou pelo agave, foi quem trouxe o primeiro pé de agave aqui pra Pocinhos foi o sustento e a redenção de muitos pobres,

⁴ No livro do Tombo da Paróquia Nossa Senhora da Conceição de Pocinhos, Padre Galvão escreve seu discurso para posterioridade e se coloca como o precursor da cultura do agave/sisal.

⁵ Relato encontrado na dissertação da autora Araújo (2016), que explora e analisa os serviços de autos falantes, chamado por “A Voz de Pocinhos”, como elemento histórico e cultural de Pocinhos-Pb. Assim, Maria das Neves é figura ilustre em Pocinhos por ser a dona, junto com seu marido Hermes, da difusora mais importante da cidade, e sua fundação foi na década de 1950, quando agave estava em seu auge.

em Pocinhos foi a agave e o algodão, (as pessoas) passavam fome, o sofrimento era muito grande. (...) (Araújo, 2016, p. 41)

O que é importante neste relato é observar este vínculo, tanto de pertencimento dessa história quanto da ideia de redenção provinda dessa época, que retorna à destaca a figura de Padre Galvão com papel de importância neste processo e a agave como a salvação da fome para os mais pobres. Dessa forma, ao fazer parte da cultura sisaleira, é fazer parte da história de Pocinhos-PB. Pois, um grande pedaço da construção identitária da cidade, passa pelo sisal. Torna-se inegável que o período do chamado “Ouro Verde” não tem esse nome à toa, já que virou a base da economia local.

Discutir estes símbolos visuais, como a bandeira, e a oralidade sobre esta época, como os relatos de ‘saudades’, é entender que eles servem para cristalizar o imaginário coletivo e construir uma memória heroica. Narrativas banhadas na fé, política e economia, exibindo o papel de destaque do sisal com o elemento fundamental da identidade pocinhense, que dá a coesão social e individual desse povo. Vira-se um espaço de disputa, que utiliza este passado sagrado projetando um presente que, somente, relembra o principal marco e o grande herói, responsável por construir um imaginário mítico para Pocinhos. Nessa disputa, ganha-se sempre uma única narrativa: o discurso pioneiro e desbravador de Padre Galvão, que se coloca como o responsável por impulsionar o desenvolvimento econômico de um distrito pobre e miserável como Pocinhos.

3 PADRE GALVÃO: O DISCURSO DO PIONEIRISMO E DO DESBRAVADOR

3.1 O mito fundador da cultura do agave em Pocinhos-PB

“Assim quero declarar a Posteridade que os primeiros pés de agave ou sisal, plantados no distrito de Pocinhos, foi por minha iniciativa. (Galvão, 1945, p. 51-52)”⁶

Figura 6 - Fotografia de Padre Galvão.



(Fonte: acervo de Dr. Bismarck Martins de Oliveira)

Padre Galvão expressava seu poder através do simbolismo de sua batina e seu discurso político, que conquistava o carisma da população. Nesta foto, fotografada em sua posse como prefeito de Pocinhos no ano de 1955, expressa exatamente essa sua relação constante à religião e a política. Trajado em sua batina preta, uma veste que representa a Igreja e seu anterior cargo como padre da cidade, destaca aquele lugar que lhe deu prestígio e legitimou seu poder no começo de sua trajetória em Pocinhos. Uma imagem que carrega um simbolismo grande, pois é na figura de Padre Galvão que encontramos todo um simbolismo que, posteriormente, a bandeira oficial da cidade passaria: a fé, o trabalho árduo (com o sisal) e a promessa de progresso.

Assim, se constrói a imagem de Padre Galvão, um pároco que se consolidou para a posteridade como um político e, como é descrito no documentário “PADRE GALVÃO:

⁶ Encontrado no Livro tombo da Paróquia Nossa Senhora da Conceição de Pocinhos nas folhas 51 e 52.

O VISIONÁRIO QUE CONSTRUIU UMA CIDADE. ” (Agripino, 2020), um visionário que construiu uma cidade. Nesse sentido, o artigo “*Mito fundador, narrativas e história oficial: representações indenitárias na cultura brasileira*”, Souza (2004) apresentar uma importante discussão ao se relaciona diretamente com o argumento que quero levanta sobre o mito fundador de Pocinhos transvestido na figura Padre Galvão e a cultura sisaleira. Ela argumenta que a história e a memória brasileira são marcadas pelos valores da elite política, econômica e cultural, que formam o jeito que os brasileiros compreendem sua própria identidade. As elites constroem narrativas históricas que se tornam uma versão oficial da história, colocando em destaque a cordialidade e os grandes heróis que fizeram esta nação com seus feitos memoráveis. São estas narrativas operam como mitos fundadores, visto que apresentam explicações simplificadas e simbólicas para a organização cultural e social do país.

Dessa forma, vemos este mesmo esquema quando debatemos o caso de Pocinhos e da figura de Padre Galvão com o conceito do mito fundador. Como neste contexto que Souza (2004) discute, a memória coletiva dos pocinhenses também foi organizada em torno de figura central que simboliza uma cena fundante. Ou seja, essa memória se acomodou à volta da figura fundante de Padre Galvão. Por suas ações no período do “Ouro Verde”, promovendo a cultura sisaleira como a grande solução para desenvolvimento econômico de Pocinhos, colocou-o como o desbravador e líder necessário. Assim, podemos perceber que a uma cristalização de cenário fundante local, algo que se semelha na narrativamente com que Souza (2004) expõem da cena fundante nacional. No cenário pocinhense, o pioneirismo de Padre Galvão com a cultura sisaleira é reinterpretado como um episódio que estabelece um sentido único à história local, legitimando tanto esta memória coletiva quanto às representações culturais da contemporaneidade.

Essa figura mítica que era empenhada por Pe. Galvão, é retratada de diversas formas, e perpassada para a população. No documentário “PADRE GALVÃO: O VISIONÁRIO QUE CONSTRUIU UMA CIDADE. ” (AgripinoProductions, 2021), podemos notar a forma que a população pocinhense se relaciona com a figura do Pe. Galvão. O discurso do benfeitor é recorrente, aquele que mudou a cidade e que trouxe a modernidade. Toda a narrativa do documentário é voltada para esse saudosismo ao

Padre. Encantados por seus feitos, a população de Pocinhos-PB, o trata como essa figura divina, logo, ficando no imaginário local esse mito fundador.

Também, é inegável que a historiografia local reforça uma essa visão cristalizada e uma narrativa saudosista, que se compromete a manutenção de um mito fundador, personificado no pároco. Ao colocar em foco essa construção, compreendemos que esta história oficial não é apenas os fatos históricos por si só, mas uma ferramenta para constituir subjetividade e identidades que se conectam com o passado idealizado. Um passado sempre rememorado e adorado. Quando se constituiu uma cena fundante, através da historiografia, fornece-se uma explicação simbólica para essa trajetória socioeconômica de Pocinhos, que nasce, principalmente, assim que o pároco deixou escrito que as primeiras mudas de agave foram plantadas por si, e, conseqüentemente, o coloca como responsável pelo desenvolvimento econômico de Pocinhos, que anteriormente era um lugar de miséria.

Portanto, concordo com Barros (2022) quando diz que “Construiu ainda uma memória coletiva que busca enaltece-lo como fundador da cidade, como aquele visionário que impulsionou o desenvolvimento local (Barros, 2022, p. 87)”, acrescento que com todo este processo legitima a figura fundante na memória coletiva local e essa perspectiva de focar em uma única versão da história, que a celebra, desconsiderando as complexidades, tensões e outras vozes que fazem parte dessa história local. Esquecendo que outras pessoas impulsionaram a cultura sisaleira e, também, não é ‘mar de rosas’ o período do “Ouro Verde” em Pocinhos-PB, pois havia um trabalho exploratório com aquelas pessoas que precisavam trabalhar para os donos de motores de agave, com essa perspectiva única dessa história local, são esquecidos e suas vozes caladas com tempo e a glória remetida a esse período.

Neste momento, precisamos conhecer um pouco mais sobre essa figura fundante. As fontes utilizadas na realização da pesquisa, não trazem muitas informações acerca de sua vida antes da chegada no município de Pocinhos-PB, logo, as informações encontradas são descritas a seguir. Seu nome de batismo é José Augusto da Silva Galvão, posteriormente seria conhecido como Padre Galvão, nasceu em 27 de setembro de 1910, na cidade de Ibupi – PE. Sua chegada em Pocinhos, no dia 20 de fevereiro de 1938, assumiu a paróquia da cidade no lugar do Padre João Honório de Melo. Ainda

muito jovem, recebeu algumas censuras sobre sua capacidade de assumir os serviços religiosos, onde o sacristão de Boa Vista, José Joaquim Sobreira Leite, questiona sua maturidade (Araújo, 2020. p.90). Em suas ‘Primeiras Notas’⁷, confessou que se sentia incapaz para assumir este cargo que era ocupado por grandes sacerdotes, bem como estava ciente da responsabilidade em seus ombros. É ressaltado por Barros (2022) que:

Padre Galvão, no momento de sua chegada a Pocinhos, não pareceu ter ciência do poder simbólico por ele exercido ao vestir sua batina e assumir um cargo tão importante para aquele pequeno povoado. Se tornava naquele momento o Pároco, sacerdote encarregado da direção espiritual e da administração daquela paróquia. Este poder por ele exercido, diante da distância geográfica da admiração pública representava uma importante referência em administração e condução das ações sociais e políticas em Pocinhos. Essa consciência de seu poder simbólico, foi ser por ele descoberta com o passar dos anos e tornou-se uma de suas principais ferramentas para alcançar os seus objetivos. A força de sua batina, atrelada aos seus discursos e suas ações promovidas em Pocinhos, fomentaram entre os pocinhenses um sentimento de gratidão, admiração, quando não idolatria, que perduraram ao longo dos anos. (Barros, 2022, p. 36)

Concordo com a autora quando ressalta que Padre Galvão, mesmo que inicialmente não percebeu, depois de um tempo descobriu e utilizou seu poder simbólico como principal ferramenta para alcançar o que almejava. Sendo fundamental este fato, pois consolidou sua influência na cidade, relacionado não somente como uma figura de liderança religiosa, mas também o pároco que desejava e tinha capacidade de conduzir Pocinhos para o desenvolvimento. Mencionada por Barros (2022), ele atuava nas áreas de Educação, Política e Religião, destaca nesse período, que na Paraíba foi marcada pelas disputas pelo monopólio da educação entre o movimento da Nova escola e a igreja católica, tendo como principal símbolos a construção de colégio diocesanos no estado, assim, exercendo uma habilidade de articular nas diferentes esferas do poder, ou seja, “possuindo desta forma não somente o capital econômico por meio das propriedades sacerdotais, assim como o capital cultural (Barros, 2022, p. 12)”. Padre Galvão tinha domínio e influência nos três principais pilares que constituíam a cidade, dessa forma, o uso dessas áreas reforçava sua importância como líder que estava levando a

⁷ Foi registrada no Livro do Tombo da Paróquia Nossa Senhora da Conceição de Pocinhos.

transformação para Pocinhos, ou melhor, criava-se um espaço de progresso que formava Padre Galvão como figura central no município e ligava as necessidades locais a ele.

Figura 7 - Fotografia do Instituto Nossa Senhora da Conceição.



(Fonte: acervo pessoal de Dr. Bismarck Martins de Oliveira - 1947)

Como podemos ver por essa fotografia, que demonstra justamente a trindade (Educação, política e religião) que pároco dominava enquanto líder local, esse cenário registrado remete a fundação do Instituto Nossa Senhora da Conceição, em 4 de fevereiro de 1947, uma escola particular feita para elite da cidade. Um marco importante para educação. Inspirado pela sua experiência Colégio Diocesano Pio XI, que havia tido o cargo de diretor, reconstruiu a antiga Casa de Caridade em um espaço educacional, com melhoras estruturais (Araújo, 2014; Ribeiro, 2013) e como bem observado por Ribeiro (2013) o pároco almejava entrar para carreira política e fez esta obra para um fortalecimento de sua posição social. Assim, na foto Padre Galvão com sua batina preta se destaca no meio das crianças uniformizadas vestidas com o fardamento escolar, podemos ver uma multidão de costas formada por adultos, em sua maioria, e todos estão

esperando um discurso do pároco, como seu rebanho de fiéis. Percebe-se que era uma estratégia estabelecer uma influência sobre a população.

Outro ponto importante para se refletir sobre a busca de construir uma influência em Pocinhos, processo de introdução e propagação da cultura sisaleira na Paraíba teve uma participação ativa do clero, e ao olhar para Pocinhos, o papel da Igreja Católica foi indispensável, pois metamorfoseia-se como mediadora a transformações socioeconômicas. Segundo Nunes (1997, p.49) “Os padres do estado, convencidos das excelentes qualidades das fibras de sisal, teriam iniciado uma marcha, divulgando a planta de casa em casa, de vila em vila, de cidade em cidade”. Bem como, ele afirma que estes padres possuíam uma forte influência na sociedade paraibana, principalmente com o povo, que sempre frequentavam as missas e a igreja, e expressavam seu reconhecimento que o sisal era um cultivo importante para esta região. O que podemos evidenciar nesse movimento é a capacidade de articulação dos padres, que combinavam sua autoridade religiosa com a influência política, e assim, colocava em prática os interesses econômicos pela planta.

Desse modo, Padre Galvão é o centro desse processo na cidade, como líder religioso que fomentava a aceitação do cultivo. Ribeiro (2013, p. 124) observa que o pároco usava o altar da Igreja Matriz de Pocinhos como uma espécie de ‘palanque’ para divulgar o sisal, correlacionou seu cargo de poder para exclamar promessas de prosperidade e desenvolvimento para a cidade. Com seu domínio e popularidade com a população, reforçava uma figura paterna que orientava moralmente, isto é, um mediador entre essas promessas econômicas e a aceitação do povo.

O papel de Padre Galvão na legitimação do agave/sisal era sustentado em sua relação com figuras de liderança políticas. Assim, esse vínculo auxiliou na construção de um discurso alinhado ao progresso, criando o imaginário coletivo do sisal como a esperança da população. É impossível não enxergar que a política e a religião andavam de mãos dadas na cidade de Pocinhos - PB, destacando a figura do pároco, que posteriormente, seria o primeiro prefeito eleito constitucionalmente da nossa cidade (1955) (Araújo, 2020. p.130).

Em Pocinhos, a participação do clero foi essencial para o início do cultivo, pois é a partir de meados da década de 1940, através do Padre José

Galvão, que o sisal começa a ser cultivado no município. Seu interesse e conhecimento ocorreram a partir de leituras de revistas mexicanas que relatavam sobre o cultivo do sisal, e o mesmo passou a enxergar este como possibilidade para os moradores de Pocinhos, que sobreviviam até então da criação de animais e do algodão que já não era tão expressivo (REJON, 1996; SARAIVA, 1981). (Porto, 2022, p. 74)

Para o cargo de interventor do município recém-emancipado Padre Galvão indicava José Aires, assim, firmando uma parceria de muitos frutos futuramente. Além das suas atribuições como padre, concomitantemente desenvolveu um papel político, que com êxito, tornando-se uma das figuras mais importantes de Pocinhos. “A cultura da agave estava assim, envolvida entre os discursos políticos e religiosos, que se dissolvem nas interpretações dessa gente simples, criando formas de sentir e conviver com aquela cultura” (Lira, 2015, p.28).

Neste sentido, nas eleições em 1954, Padre Galvão lança sua candidatura e consegue a vaga de candidato na assembleia estadual pelo Partido Social Democrático (PSD) e fica entre os suplentes. Em 1955 pelo PSD, Padre Galvão se elege como o primeiro prefeito constitucionalmente eleito, derrotando nas urnas Ottoni Barreto (UDN)⁸. Esse fato marca uma conquista em sua trajetória, pois ultrapassa sua autoridade religiosa, alicerçado como pároco local, para também assumir a liderança política de Pocinhos. Ele, agora, como prefeito da cidade, não simboliza somente a fé do povo, mas a confiança do progresso político e social em sua pessoa. Assim, mesmo deixando a igreja para concorrer às eleições de 1955, nunca deixou de lado sua batina, isto é, não perdeu neste processo o cargo de “padre”.

Concordo com Barros (2022) quando discute a dualidade do papel de Padre Galvão como figura pública, diz que “se afastou da paróquia de forma oficial mantendo sua ligação por meio de suas práticas, é também um representante divino que carregava consigo os símbolos de uma religião (Barros, 2022, p. 49)”. Na fotografia seguinte podemos ver na esquerda Padre Galvão, ao seu lado, José Pereira do Nascimento passando a prefeitura para ele, depois Frei Páscoa, Arlindo Oliveira da Rocha e Geraldo Felipe Porto que lê a Ata de posse.

⁸ Um dos grandes empresários do ramo do sisal em Pocinhos. Fundou a Usina Olho d' Água, uma das maiores do Nordeste.

Figura 8 - Fotografia da posse de prefeito de Padre Galvão.



(Fonte: acervo pessoal de Dr. Bismarck Martins de Oliveira -1963)

Após o seu segundo mandato (1963), Padre Galvão se afastou da prefeitura da cidade em 1957, para assumir a vaga na Assembleia legislativa, onde exercia o cargo de Deputado Estadual. Retornando à prefeitura nas eleições municipais de 1968 apoiado por José Aires, Pe. Galvão assumiu seu terceiro e último mandato. Também, se candidatou nas eleições municipais de 1972 e de 1976, mas não obteve sucesso (Araújo, 2020. p.129-147). Assim, encerrando uma carreira que mesclava política, religiosidade e uma intensa ligação com a população e a cidade.

Entretanto, é interessante notarmos que ao mesmo tempo que o sisal foi um dos pontos fundamentais para garantir ao Padre Galvão ainda mais Poder Simbólico sobre os pocinhenses, como aquele responsável por trazer a Pocinhos a principal fonte de renda de uma grande parcela da população, ou seja, como as fibras do sisal foram responsáveis por amarrar todo um emaranhado de ações do Padre Galvão em Pocinhos, que culminaram em sua vitória nas eleições municipais, este foi também um dos principais ingredientes para a sua derrocada do poder ao lado de José Alves nas eleições de 1972. (Barros, 2022.p.64-65)

Padre Galvão, para além de sua influência religiosa, a economia desempenhou nas primeiras eleições de Pocinhos um papel importante. Barros (2022), afirma que o Padre Galvão foi responsável pela amarração da primeira muda de sisal no município de Pocinhos, fortalecendo ainda mais a figura de Padre Galvão. O então secretário da Agricultura da Paraíba, José Joffily Bezerra, em 1942, foi responsável por enviar

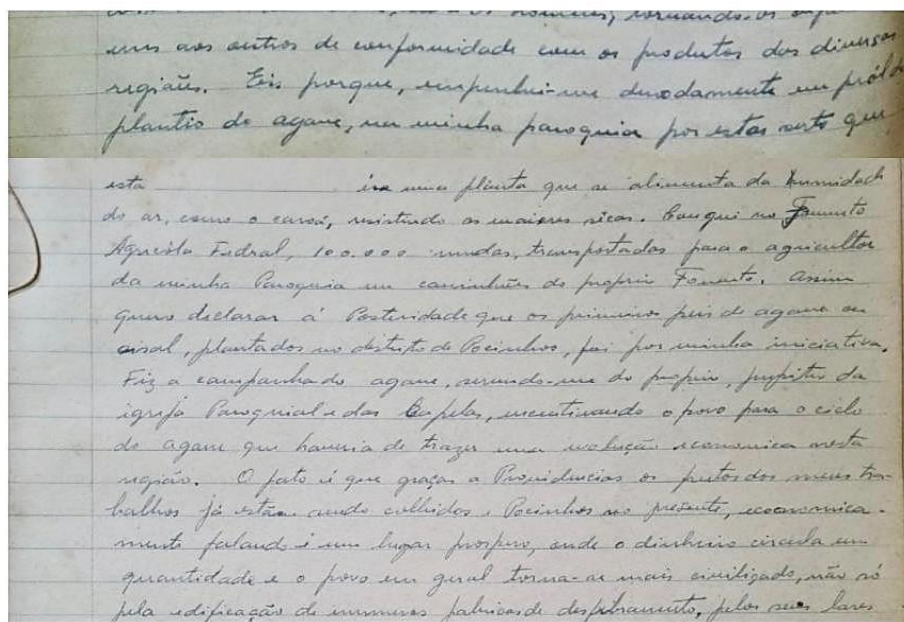
recursos, técnicos e caminhões de bulbilhos⁹ de agave para o distrito, proporcionando o desenvolvimento econômico local. O cultivo do sisal foi introduzido com o apoio de Padre Galvão, impulsionando a economia de Pocinhos por anos, acarretando a exportação desse produto para o exterior.

Como o apoio do secretário de agricultura, as primeiras mudas de sisal chegavam a Pocinhos e iniciava-se por meio do subsídio do governo as primeiras plantações. Este fato foi de fundamental importância por se tratar de uma cultura desconhecida pelos pocinhenses e que precisava de um investimento e tempo de espera até a primeira colheita. Desta forma, com o auxílio do governo, acreditar nesta nova fonte econômica que estava sendo incentivada por Padre Galvão se tornava viável economicamente. E assim a caatinga foi dando lugar aos campos de agave que após cerca de dois a três anos começavam a ser colhidos na cidade. Inicialmente os motores de desfibramento do sisal não estavam disponíveis nos campos para os produtores, sendo as folhas das plantas colhidas e transportadas até as usinas de desfibramentos e beneficiamento de onde seguiam para o comércio a exemplo da empresa Ottoni&Cia que construiu no sítio Olho d'água uma vila para os seus operários com capela e até mesmo uma escola para os filhos dos operários. (Barros, 2022.p.62)

Ademais, ao se posicionar fortemente em suas atividades como pároco e político, Pe. Galvão, de fato, foi responsável por trazer um aspecto de mudanças em vários âmbitos do município, seja na educação, economia, na indústria, essas, grandes transformações que mudaram significativamente a vida da população. Neste sentido, a cultura sisaleira se adentra profundamente nessa nova construção da cidade. Padre Galvão, nos registros do livro de tombo da Paróquia Nossa Senhora da Conceição, se coloca como o fundador da cultura do agave em Pocinhos. Elevando ainda mais essa característica que lhe é atribuída de “mito fundador” da implementação dessa planta no município de Pocinhos.

⁹ São pequenas estruturas que florescem no escapo floral do sisal após a queda das flores, possibilitando seu crescimento vegetativo. Esse processo ajuda a reprodução sem necessidade de sementes, conservando suas características genética que facilita a sua produção.

Figura 9 – Fotografia da passagem sobre o sisal no Livro do Tombo.



(Fonte: acervo da Paróquia Nossa Senhora da Conceição de Pocinhos - 1945)

"[...] Eis porque, empenhei-me denodadamente em prol do plantio do agave, na minha paróquia por estar certo que esta era uma planta que se alimenta da humidade do ar, como o caroá, resistindo as maiores secas. Consegui no Fomento Agrícola Federal, 100.000 mudas, transportadas para o agricultor de minha paróquia em caminhões do próprio Fomento. Assim quero declarar á Posteridade que os primeiros pés de agave ou sisal, plantados no distrito de Pocinhos, foi por minha iniciativa. Fiz a campanha do agave, servido do próprio púlpito da igreja Paroquial e das Capelas, incentivando o povo para o ciclo do agave que haveria de trazer uma revolução econômica nesta região. O fato é que graças a Providencias os frutos dos meus trabalhos já estão sendo colhidos e Pocinhos no presente, economicamente falando, é um lugar próspero, onde o dinheiro circula em quantidade e o povo em geral tornou-se mais civilizado, não só pela edificação de imensas fábricas de desfibramento, pelos seus lares que são transformados para melhor, onde existe conforto, como pelo cuidado que têm os agavieiros enviando os seus Filhos para se educarem em Colégios e Faculdade superiores, em centros mais civilizados (Livro tombo da Paróquia Nossa Senhora da Conceição de Pocinhos, 1945, p. 51 e 52)".

Padre Galvão, em seus escritos no livro tombo da Paróquia Nossa Senhora da Conceição de Pocinhos-PB, atribuiu a chegada das primeiras mudas da planta na cidade a ele. Logo, sua iniciativa lhe conferiu a figura de desbravador da cultura do sisal na cidade. Nos artigos, jornais, documentários e documentos oficiais, é encontrado associado a Agave ao Pe. Galvão, aquele que implantou essa cultura na cidade, fazendo com que elevasse sua economia a um outro nível. Além da economia, o Agave trouxe a

cidade uma característica de identificação e simbolismo, fazendo com que a população se identificasse com aquela planta, com as histórias que percorriam sobre ela. Logo, compreendemos quando o autor Lira (2015), intitula a planta como “mito da salvação”. Com o cultivo do agave na cidade a todo vapor, foi nesse momento que ela teve sua maior expressão econômica, levando-a a ser um dos maiores produtores do sisal da região.

Assim, como já pontuamos, em meados dos anos 1940, Pocinhos buscava uma saída para sua economia local, que ainda estava sensibilizada pela crise do algodão. Padre Galvão juntamente com José Joffily, secretário estadual da Agricultura, começou a implantar a cultura do sisal na cidade. Essa introdução trouxe a idealização de uma salvação da economia pocinhense, tornando o sisal depois conhecido como *ouro verde*.

As primeiras mudas adquiridas através do Fomento Agrícola paraibano foram destinadas à propriedade de nome —Zé CarlosII, dando início assim a um grande cultivo que se espalhou pelo município com o passar dos anos. A partir dessa disseminação, Pocinhos obteve sua primeira colheita no ano de 1949, que na época segundo o Sr. Bismarck relata que o quilo do produto custava Cr \$3,50 (três cruzeiros e cinquenta centavos). A introdução dessa planta em Pocinhos, segundo Prost (1968, p. 31), —(...) fez de Pocinhos, entre outros centros urbanos, uma verdadeira pequena cidade, que não é mais um simples povoado de casas de taipa, sem forma e sem vida (Porto, 2022, p. 74)

A agave, de fato, mudou a economia da cidade, elevando seus status como uma grande produtora e exportadora da planta. Ademais, ao falar do ciclo do sisal em Pocinhos, é “confortável” partir do ponto econômico que encaminhou a cidade aos holofotes sisaleiro. Entretanto, a profundidade que a cultura do sisal teve em Pocinhos vai além, seu simbolismo trazido por Padre Galvão, perpetua até os dias atuais. Logo, sua imagem é associada como “mito fundador”. Araújo (2016), cita em sua dissertação:

[...] a economia da cidade na década de 1950 foi impulsionada pelo desenvolvimento da cultura do agave e por este motivo, o local começava a receber mais pessoas que aos poucos começavam a transformar o pacato distrito, que iniciava essa década com dois acontecimentos: Em 1951, a fundação do Serviço de alto-falantes “A Voz de Pocinhos” e a emancipação política em 1953. (Araújo, 2016, p. 46)

Na década de 1950, graças ao desenvolvimento do sisal, Pocinhos experimentou em sua economia um crescimento expressivo. O cultivo do sisal elevou a região a um

novo patamar de relevância econômica, impulsionando a produção local do comércio. Com essa demanda crescente, tanto no mercado interno como no externo, levou a cidade a atrair um fluxo de novos habitantes, vendo ali, uma grande oportunidade de emprego e ascensão social. A vida cotidiana foi profundamente impactada pelo movimento migratório impulsionado pela cultura do sisal. A cidade expandiu significativamente, tanto em termos populacionais quanto territoriais, redefinindo assim a identidade local. O sisal não era apenas visto como fonte de riqueza, mas símbolo de modernização e progresso.

3.2 Os lugares de memória em homenagem ao Padre Galvão na cidade de Pocinhos-PB

Em sua jornada na cidade de Pocinhos, Padre Galvão, de fato, foi uma figura muito importante, com grandes feitos na cidade, feitos esses lembrados até os dias atuais com orgulho e admiração pela população. Como um interventor, Pe. Galvão deu à cidade um ar de modernidade e com uma oratória impecável. Aqueles que o acompanhavam de perto, relataram que aquele homem era quase uma entidade com sua batina preta andando pelas ruas da ilustre Pocinhos. Assim, “[...] Padre Galvão não se limitava a utilizar a sua vestimenta sacerdotal somente para celebração de missão ou concessão de sacramentos, mas também em atos públicos [...]” (Barros, 2022, p.50).

Logo, tamanha sua grandeza e admiração, que lugares de memória foram criados para sua exaltação. Porém, esses lugares de memória foram criados para o cultivo de sua memória, ele um pároco e político queria ver a cidade com “sua cara”. Sua ambição à modernização não era apenas para o progresso da cidade, mas sim, tinha como interesse que sua imagem fosse associada a seus feitos, e que esses ficassem no imaginário da população.

Os lugares de memória nascem e vivem do sentimento que não há memória espontânea, que é preciso criar arquivos, que é preciso manter aniversários, organizar celebrações, pronunciar elogios fúnebres, notariar atas, porque essas operações não são naturais. (Nora, 1993, p.13)

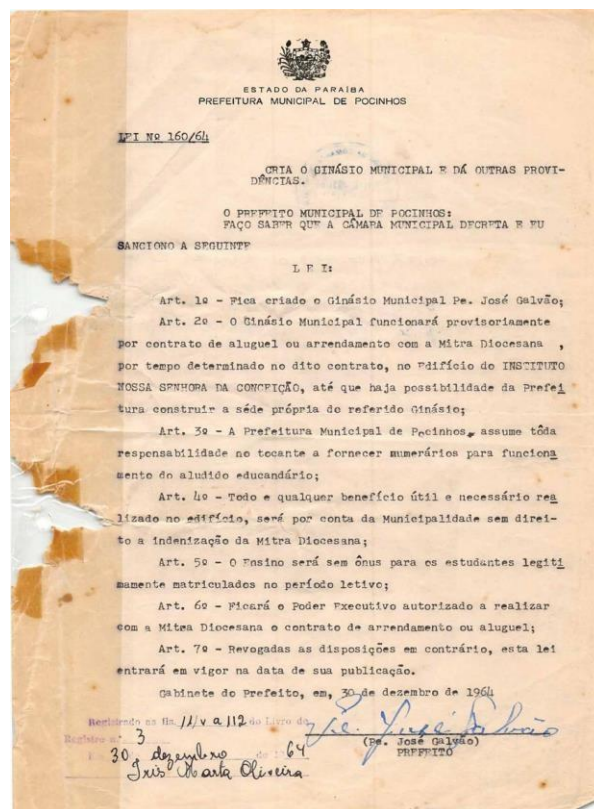
É nesse contexto, que Pe. Galvão via a oportunidade de eternizar tudo aquilo que ele havia construído. Os monumentos erguidos na cidade de Pocinhos que levam seu

nome, ou que estão associados direta ou indiretamente com sua figura, podem ser considerados os mais importantes para a cidade. A exemplo do Colégio Municipal e do mercado público, essas são amostras de obras de grande valor, e também, de símbolo, que Pe. Galvão fez na cidade. Com isso, sua existência jamais seria esquecida, e a partir dessas construções a sua memória estava consolidada na população pocinhense.

A preservação dos lugares de memória está associada a um momento específico da nossa história. A percepção da ruptura com o passado se mescla com o sentimento de uma memória fragmentada, em um momento de transição. O sentimento de continuidade se torna resquícios, que está atrelado aos locais. Existem lugares de memória porque os meios tradicionais de memória já não existem (Nora, 1993, p. 7).

Com isso, a percepção da ruptura com o que veio antes gera uma espécie de crise memorial, antes sendo propagada de forma natural e contínua por tradições orais, rituais e práticas culturais. É neste cenário, que lugares que simbolizam e corporificam memórias, que leva a uma busca pela preservação. Os lugares de memórias, seja museus, sítios históricos, monumentos patrimoniais e arquivos, tentam ancorar a memória e se tornam referências materiais. Os fragmentos e resquícios que sobrevivem dessa ruptura entre passado e presente, se colocam como um sentimento de continuidade daquilo que foi feito. A memória passa a integrar a vida cotidiana, âncora em espaços concretos. Logo, é nessa conjuntura que a memória passa a assumir seu valor. Assim, a existência de lugares de memória não apenas na vontade de lembrar, mas também ausência de outras formas de manter essa memória viva. A busca de Pe. Galvão pela modernidade era pautada em suas falas e em suas construções. Cada construção erguida carrega um traço de personalidade e de sua visão de futuro.

Figura 10 – A lei de n. 160/64 da criação do ginásio municipal Padre Galvão.



(Fonte: Acervo da câmara municipal de Pocinhos-PB)

Em 1964, de acordo com a lei de n. 160/64, no Art.1 foi criado o Ginásio Municipal José Galvão. Inaugurado em 24 de março de 1965, inicialmente chamado de Ginásio Municipal José Galvão, em razão de, na época, era oferecido somente o curso ginásial. Só apenas depois da implementação do científico (equivalente ao atual ensino médio), no ano de 1973. Neste ano, sob a gestão de José Pereira do Nascimento, passou a ser chamado de Colégio Municipal Padre Galvão. (Araújo, 2020, p.145).

O colégio foi um marco na vida da população pocinhense, sendo ele considerado o maior símbolo de Pe. Galvão. Naquele período existiam apenas duas instituições de ensino na cidade, o Grupo Escolar Afonso Campos, que era a escola estadual, e o Instituto Nossa Senhora da Conceição¹⁰. Logo, nota-se a tamanha importância de um colégio na cidade. No dia 29 de março de 1965, cinco dias após sua inauguração, o colégio teve sua primeira aula. A criação de uma nova instituição de ensino na cidade refletiu positivamente na educação e desenvolvimento da população. Os filhos da cidade

¹⁰ Chamada de Casa de Caridade, uma instituição de ensino destinada exclusivamente a pessoas ricas.

puderam alçar voos longos, tendo a oportunidade de entrar em uma universidade, e ter acesso à educação básica.

Figura 11 – Fotografia da frente do ginásio municipal Padre Galvão.



(Fonte: Museu digital <https://museuvirtual.pocinhos.net/> . – Década de 60)

Nos dias atuais, o colégio ainda mantém sua soberania no município, seja por seus eventos, seus desfiles do dia 07 de setembro emblemáticos, suas gincanas, ou até mesmo por sua enorme estrutura física. De fato, no imaginário dos cidadãos, principalmente aqueles que em algum momento de suas vidas acadêmicas passaram pelo colégio, é muito forte a imagem soberana do colégio para as demais instituições de ensino da cidade. É algo equiparado a uma transição na vida. Pe. Galvão, ao realizar sua maior obra, ele que acreditava fielmente na educação, transformou a vida de crianças e adolescentes através do colégio, aquele que leva seu nome.

Em meio a um momento de celebração, Padre Galvão em seus trajes sofisticados, faz a inauguração do Mercado Público da cidade de Pocinhos. No dia 26 de janeiro de 1969, sob o mandato de José Alves, é inaugurado uma obra importante para a cidade, uma obra tão marcante e com a característica mais marcante do Pe. Galvão, que era sua visão de futuro e modernidade.

Apesar de sua visão de futuro estarem bem alinhadas em seu pensamento, toda essa sua modernidade parecia não ser entendida perfeitamente pela população local.

Muitas vezes questionado pela localização das construções de suas obras, ele permaneceu com sua visão. A população local não entendia o porquê de construir “no meio do mato”, “quem danado vai fazer compra no meio do mato”. Entretanto, tudo era uma estratégia da sua visão. Na imagem seguinte, mostra o mercado público sendo construído distante da cidade.

Figura 12 - Imagem aérea do mercado público.



(Fonte: Museu digital <https://museuvirtual.pocinhos.net/> . Década de 70)

O mercado público representou um marco simbólico de modernização e transformação social em Pocinhos-PB. Se destaca nesse contexto, a figura de Padre Galvão, não apenas como um líder espiritual, mas como um protagonista do progresso. Esse simbolismo atrelado a ele pode ser evidenciado pela sua troca da batina por um terno preto, carregando um forte significado de sofisticação e modernidade. Na imagem seguinte, é um momento da inauguração do mercado público. Centralizado à direita, Pe. Galvão com seu traje que esbanja modernidade.

[...] da inauguração do Mercado Público Municipal registrada no ano de 1969, onde Padre Galvão se deixou fotografar caminhando pelas ruas do mercado vestido não mais com sua batina preta, mas com terno, símbolo de modernidade e que fazia referência ao momento “importante” em que estava vivenciando, um momento de celebração, que exigia trajes com sofisticação. (Barros, 2022.p.47)

Figura 13 - Inauguração do mercado público.



(Fonte: Museu digital <https://museuvirtual.pocinhos.net/> . - 1969)

A inauguração do Mercado Público foi um marco de extrema importância como um espaço não apenas de integração comercial, mas também social. Esse lugar, serviu como ponto de encontro que unia pequenos agricultores, comerciantes e consumidores. É a partir desses encontros que girava o comércio local, na interação dos comerciantes que aconteciam as vendas de carne, a feira de gado, a feira de frutas e verduras. Os agricultores que plantavam nos seus sítios/roçados durante a semana e até mesmo o ano, tiram seus sustentos com a venda de seus produtos no mercado público.

Porém, a localização do Mercado Público era uma crítica recorrente, o “padre foi por muito chamado de louco, “quem vai fazer compras dentro do mato?” (Barros, 2022, p. 52), bem como algo que chamava a atenção é regulamentação¹¹ rígida e detalhada sobre o funcionamento interno, como o exemplo do art. 51, que exigia silêncio no ambiente, os comerciais não podiam chamar atenção para barracas com campainhas ou outro método que perturbasse o silêncio, outra questão são as tarifas que eram baseadas no salário mínimo para alugar um box dentro do Mercado. É importante lembrar que:

[...] a grande maioria dos comerciantes são origem mais humilde e as determinações e regras estabelecidas no ato de inauguração do mercado

¹¹ Lei de n. 191, estabelecida pela Câmara de Vereadores no dia 28/03/1969, especificava todas ações dos comerciais e clientes do Mercado Popular.

público, podem ter sido responsáveis pelo distanciamento do espaço com as práticas de comércio mais rudimentares. (Barros, 2022, p. 55)

É interessante observar que diferente de outras fotos que utilizamos acerca dele, como figura religiosa e política, essa se destaca pelo terno elegante preto, que destoa da batina tão recorrente em suas fotografias. Assim, liderando o grupo ao caminhar no mercado popular e trajando de outra forma, trazia um simbolismo de modernidade e celebrações, bem como acompanhado por crianças como se a guiasse para um futuro e seguia firme ao olhar para o horizonte (Barros, 2022, p. 47). Este lugar de memória reflete em si a modernização, um pulo para ampliar a cidade que, na gestão de Padre Galvão, fazia promessas para seu progresso. Todas as obras que foram encabeçadas por ele, carregavam como símbolos de modernização, consolidando na memória do imaginário popular como o “tempo de progresso”. As ações de Padre Galvão fortaleceram a construção do imaginário do ‘visionário’, que levava com sua batina e seu discurso, perpetuada por marcos materiais e culturais na cidade.

4 METODOLOGIA

Em primeiro lugar, é relevante compreender que essa é uma pesquisa exploratória, já que investiga e interpreta um fenômeno histórico sociocultural específico como a construção simbólica de Pocinhos enquanto amparada no discurso da cidade próspera, que se legitimou como tal, a partir do Ouro Verde, centrada na figura fundante de Padre Galvão, o pioneiro e desbravador da cultura sisaleira em Pocinhos-PB. Assim, se faz relevante esta pesquisa, pois sua temática não foi amplamente estudada na academia, o que deixa lacunas para compreensão desse período histórico local e a necessidade de aprofundamento acerca da temática. O que deixa o terreno fértil para a repetição de uma visão saudosista desse momento, baseado principalmente pela historiografia local, que reverencia a figura fundante de Padre Galvão e do período “Ouro Verde”. Bem como, também, assumo o interesse em levantar novas questões e interpretações sobre o papel desses discursos na formação da identidade cultural de Pocinhos, na década de 1940 a 1970. Por meio dessa pesquisa, tenta-se identificar as conexões e significados simbólicos na construção histórica do município.

Ademais, utilizamos a abordagem qualitativa, com o foco em compreender e discutir esses discursos e representações culturais. Sendo adequada, pois proporciona uma análise aprofundada da construção desse discurso e de uma identidade pocinhenses, permitindo o entendimento desse contexto histórico e das dinâmicas culturais que se relacionam a formação de identidade. Também, vira-se essencial a abordagem qualitativa para os estudos de símbolos, sentidos e construção narrativa. Como fontes, utilizamos documentação oficial, o Livro de Tombo da Paróquia Nossa Senhora da Conceição de Pocinhos, documentos da Câmara (como leis), fotografias, historiografia local e memórias registradas em obras de pocinhenses, bem como uma biografia diversas com autores como Pierre Nora (1993), Hobsbawm e Ranger (1997), Porto (2022), Medina (1954), Oashi (1999), Silva (2012), Nunes (2006), Araujo (2016), Barros (2022) e Ribeiro (2013).

Outrossim, a pesquisa fundamentou sua análise em dois principais conceitos: “lugares de memória” de Pierre Nora (1993) e “tradição inventada” de Hobsbawm e Ranger (1997). É a partir desses conceitos que são fundamentais para a compreensão

do impacto do sisal na formação de identidade pocinhenses e na construção simbólica desse imaginário coletivo local. Nesse sentido, a partir deles possibilita um olhar mais crítico e profundo sobre esse processo histórico, social e cultural que circunda a cultura sisaleira em Pocinhos.

Dessa maneira, debatemos e escolhemos o conceito de “tradição inventada”, que é central para interpretação e uma ferramenta para investigar como a cultura sisaleira contribuiu para constituição de uma identidade local, representadas em elementos simbólicos (como a bandeira oficial da cidade) que fortalecem esse sentimento de pertencimento da população. Assim como, o contexto do papel de Padre Galvão como uma figura fundante, que era religiosa e política ao mesmo tempo. Analisando de que jeito ele formou e estabeleceu sua imagem como o “mito fundador” da cultura sisaleira na cidade. Desse modo, o segundo conceito, “lugares de memória”, possibilita uma discussão que examina os espaços físicos construídos para homenagear essa figura fundante, que se transformou em um símbolo de progresso para Pocinhos. Sendo fisicamente lugares que reforçam e rememoram o imaginário coletivo acerca de Padre Galvão como esse líder visionário, constituindo, de forma até permanente, sua presença fundante na memória coletiva de Pocinhos.

5 CONSIDERAÇÕES FINAIS

Padre Galvão se transformou em figura mítica no imaginário popular. Sua trajetória em Pocinhos marca significativamente a economia, cultura e sociedade da cidade. Sua contribuição para impulsionar o discurso a favor da cultura sisaleira, acabou apagando qualquer outra figura que contribuiu para introdução do agave, assim, se tornou o ‘pioneiro e desbravador’ que destemidamente trouxe o processo para a cidade. Assim, consolidando uma identidade para si que é lembrada e celebrada até os dias atuais. O sisal, que foi uma alternativa para a substituição do algodão, se tornou o símbolo cultural de progresso e resistência, ligando os pocinhenses à narrativa de superação. Essa mudança de paradigma, não somente guiou o pacato distrito, que estava em crise, para uma solução econômica, mas ofereceu um novo sentido de pertencimento e identidade para a população.

Nesse sentido, a “tradição inventada” através do sisal, construiu uma história em torno dessa cultura de cultivo que foi alternativa para enfrentar um momento de crise, dessa forma, criou-se símbolos que reforçam esta identidade cultural, como na bandeira que exibe os elementos do sisal e do algodão. Pela influência de Padre Galvão, associam o sisal a fé e perseverança, pois criou-se essa narrativa que é reforçada por seu discurso, que é incorporada e encontrada na oralidade dos pocinhenses mais velhos que vivenciaram esta época e rememoram em seus relatos, tornando parte fundamental da memória coletiva e cultura local da cidade.

Assim, o período do “Ouro Verde” é sempre referenciado como fator decisivo para o disparar da economia local e, formando, a identidade da população de Pocinhos. Ao se colocar como figura central deste processo, Padre Galvão, pinta-se como pioneiro e desbravador na cultura sisaleira, através do seu escrito no Livro de tombo da Paróquia Nossa Senhora da Conceição de Pocinhos, que afirma que o primeiro pé de agave foi plantando por sua iniciativa. Também, a relação entre religião e política foi ferramenta fundamental para seu sucesso, assim, conquistou a prefeitura da cidade recém-emancipada. Seu legado moldou o imaginário coletivo de Pocinhos como a cidade que superou seus problemas através do sisal, trazido por ele, e esta memória é preservada em diversos documentos, às vezes feitos por si, e lugares de memória que homenageiam

sua figura. Eternamente lembrando como visionário, que focava na modernização e prosperidade de Pocinhos.

Muitas de suas construções ainda fazem parte do cotidiano da cidade, obras que permanecem e perpetuam, lugares de memórias, que evocam sua memória cristalizada. Marcadas pela sua fusão entre religiosidade e política, bem como a capacidade de pensar além do seu tempo, vão continuar a ser lembradas e perpassadas como uma grande liderança transformadora. Recordado como: Padre Galvão, o pioneiro e desbravador da cultura sisaleira e o arquiteto de uma cidade.

REFERÊNCIAS

- AgripinoProductions. **Padre Galvão: o visionário que construiu uma cidade.** Youtube, 5 de janeiro de 2021. 1h18min33s. Disponível em:<<https://www.youtube.com/watch?v=GaB8Qo-MRkc>>. Acesso em: 13 de fevereiro de 2025.
- Araújo, Carlos Eduardo Apolínário. **Retalhos Históricos de Pocinhos: Histórias que transcendem o tempo.** Pocinhos-PB: I9 Comunicação, 2020.
- Araújo, Clébia Geneva Lucena. **Atenção ouvintes! A difusora anuncia por seus alto-falantes notícias, músicas, diversão, memórias e história: É “a voz de Pocinhos” que entra no ar, transforma e anima o cotidiano Pocinhense (1951-2013).** Dissertação (Mestrado em História), Universidade Federal de Campina Grande. Campina Grande, 2016.
- Barros, Rafaela da Silva Castro. **Educador, líder político e agente eclesiástico: entre práticas, representações e trajetórias de padre Galvão em Pocinhos-PB (1940-1965).** Dissertação (Mestrado em História), Universidade Federal de Campina Grande. Campina Grande, 2022.
- Cavalcante, Gustavo Teotônio de Oliveira; Almeida, Hermes Alves de. Diagnóstico socioambiental do cultivo do sisal (agave ssp) no recorte territorial de Pocinhos, PB. **Conjecturas**, v. 22, n. 8. 2022. p. 1092-1104.
- Cavalcante, Gustavo Teotônio de Oliveira. **Diagnóstico dos principais indicadores socioambientais do sisal no recorte geográfico de Pocinhos/PB.** Dissertação (Mestrado em Desenvolvimento Regional), Universidade Estadual da Paraíba. 2021.
- Medina, J.C. **O sisal.** São Paulo: Secretaria da Agricultura do Estado de São Paulo, 1954. 286p.
- Mello, José Octávio de Arruda. **História da Paraíba: lutas e resistência.** 7ª Edição, João Pessoa. A União. 2002.
- Nora, Pierre et al. Entre memória e história: a problemática dos lugares. **Projeto História: Revista do Programa de Estudos Pós-Graduados de História**, v. 10. 1993.
- Nunes, M. de V. **Entre o capá verde e a redenção: a cultura do trabalho com o agave nos Cariris Velhos (1937-1966, Paraíba).** 2006. Tese (Doutorado em História)- Universidade de Brasília. Brasília, 2006.
- Oashi, M. da C. **Estudo da cadeia produtiva como subsídio para pesquisa e desenvolvimento do agronegócio do sisal na Paraíba.** Tese (Doutorado em Engenharia de Produção) – Universidade Federal de Santa Catarina, Florianópolis. 1999.

Paróquia de Nossa Senhora da Conceição de Pocinhos. **Livro Tombo**. (Manuscrito) 29 jun. 1917. Arquivo da Paróquia de Nossa Senhora da Conceição de Pocinhos.

Pinto, M. N. Contribuição ao estudo da influência da lavoura especulativa do sisal no Estado da Bahia. **Revista Brasileira de Geografia**, Rio de Janeiro, v.31, n.3, 1969. p. 3-102.

Pocinhos. **Lei nº 160/64, de 30 de dezembro de 1964**. Cria o Ginásio Municipal e dá Providências. Livro de registro de leis 3, Pocinhos, PB, n. 3, 30 dez. 1964. fls. 111-v a 112.

Pocinhos. **Lei nº 191, de 28 de março de 1969**. Regulamenta o Mercado Municipal. Livro de registro de leis 4, Pocinhos, PB, n. 4, 28 mar. 1969. fls. 15 -19.

Porto, Odaiza Barros. **O circuito espacial de produção e os círculos de cooperação do sisal no semiárido paraibano: o município de Pocinhos PB em destaque**. Dissertação (Mestrado em Geografia), Universidade Federal do Rio Grande do Norte. Caicó, 2022.

Prost, Gérard. Dans le Nord-Est du Brésil : Les pionniers du Cariris dans la Borborema semi-aride. **Bordeux**: Les Chiers D'Outre-Mer, 1967. p. 367-393.

Queiroz, Marcus Vinicius Dantas de. **Quem te vê não te conhece mais: arquitetura e cidade de Campina Grande em transformação (1930-1950)**. Dissertação (Mestrado em). Universidade de São Paulo. 2008.

Ranger, Terence; Hobsbawn, Eric. **A invenção das tradições**. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1997.

Ribeiro, Hugo Marconi. **Candangos de motor de agave: Memórias de Pocinhos no apogeu do Ciclo do Sisal – 1958 a 1968**. João Pessoa: Ideia, 2010.

Ribeiro, Maria Luiza da Costa. **Dinâmicas de produção do espaço em cidades de pequeno porte populacional - O caso de Pocinhos-PB**. Trabalho de Conclusão de Curso (Bacharel em Arquitetura e Urbanismo), Universidade Federal de Campina Grande. Campina Grande, 2023.

Ribeiro, Roberto da Silva. **Pocinhos: O Local e o Geral**. 2ª Edição. Campina Grande: RG Editora, 2013.

Santos, Edinúzia Moreira Carneiro; Silva, Onildo Araujo da. Sisal na Bahia-Brasil. **Mercator (Fortaleza)**, v. 16, 2017. 1-13 p.

Saraiva, I. L. M. **Cooperativa de sisal Sociedade Anônima. 1981.** Dissertação (Mestrado em Economia Rural) – Universidade Federal da Paraíba, Campina Grande, 1981.

Silva, O. A. da. **Rede urbana e dinâmica regional no estado da Bahia.** *In:* Dias, P. C.; Santos, J. (orgs). Cidades médias e pequenas. Salvador: SEI, (Série estudos e pesquisas, 94). 2012. 238 p.

Souza, Mériti. Mito fundador, narrativas e história oficial: representações identitárias na cultura brasileira. *In:* **Anais Congresso Luso-Afro-Brasileiro de Ciências Sociais, Coimbra, Portugal.** 2004.